

A EDUCAÇÃO EM LAGES – UMA VISÃO TRINTA ANOS DEPOIS

ABORDAGEM SOCIOPOLÍTICA

- Ambiente político nacional e local da experiência
- Gestão do ensino no mandato do prefeito Juarez Furtado
- Gestão do ensino no mandato do prefeito Dirceu Carneiro
- O Projeto Educação Fundamental e Cultura Local
- Respostas Reais e Virtuais da Experiência para as instituições e pessoas

1972 – UMA ELEIÇÃO MUNICIPAL HISTÓRICA

A década de 70 do século XX raiava sob o auge dos governos militares no Brasil, um período conhecido como dos mais rigorosos controles políticos e institucionais, imposto à sociedade mediante perseguições ideológicas, torturas de presos políticos, exílio e banimento, delações espalhando o temor e a dúvida entre os cidadãos. Havia por imposição apenas dois partidos políticos, a ARENA – Aliança Renovadora Nacional, o partido do governo, e o MDB – Movimento Democrático Brasileiro, o partido da oposição. O primeiro congregava todas as oligarquias nacionais, o empresariado, os banqueiros, submissos ao império militar internamente e ao imperialismo externo americano, que patrocinara o golpe que levou aos governos militares. O álibi para toda essa armação era a luta contra o comunismo internacional, uma ameaça fantásticamente inventada na busca de uma legitimação dessa ordem econômica do capitalismo internacional, que se impôs sobre as nações.

Nesse contexto nacional e internacional, o ano de 1972 foi das eleições locais nos municípios onde a lei permitia, como foi o caso de Lages. A ARENA, até então sempre vitoriosa desde o Estado Novo, apresentou o seu candidato, um dos últimos remanescentes da oligarquia local, Ramos, Áureo Vidal Ramos, o Nuta. Acreditava nos moldes eleitorais da época, com cabos eleitorais em cada canto do município, muito embora já desse mostras de divisões internas. O MDB apresentou dois candidatos, Laerte Vieira – lídimo representante da extinta UDN – e Juarez Furtado, um jovem advogado trabalhista, com certa referência nos meios do extinto PSD, artilheiro em manobras de bastidores, benquisto por lideranças de bairros e de trabalhadores, beneficiados com seu trabalho de advogado em lides trabalhistas. Laerte Vieira trouxe para vice o médico Clito Zapellini Neto, das antigas hostes udenistas. Juarez Furtado,

titubeando na escolha do seu vice, foi surpreendido com a ascensão de Dirceu Carneiro, como seu vice, um jovem arquiteto, recém formado em Porto Alegre, que veio a Lages e logo se interessou em fazer parte da política local.

Nessa eleição, a oposição surpreendeu. Adotou uma postura de visitação e convencimento de lideranças populares. Aproveitando-se de divisões dentro da oligarquia serrana dos Ramos, Juarez conseguiu o apoio da matriarca da família, Dona Emília, viúva do ex-prefeito Vidal Ramos Júnior. Dirceu mostrou intensa capacidade de trabalho de organização de diretórios locais do partido, agregando líderes, ganhando sua confiança, além de fazer discursos bem elaborados, com nova linguagem política, incentivando a participação popular nos governos. O antigo eleitorado udenista continuava firme com Laerte Vieira. O resultado eleitoral deu a vitória ao MDB, depois de mais de quatro décadas de governos oligopolizados da Família Ramos em Lages. Uma nova era de gestão municipal se iniciava.

GESTÃO DA EDUCAÇÃO DE 1973 A 1976 - PREFEITO JUAREZ FURTADO

Já na formação da equipe administrativa, o novo prefeito procurou uma composição que contemplasse os compromissos assumidos com seus correligionários de partido, dar conta das promessas feitas aos setores da ARENA que o apoiaram, manter um controle pessoal sobre os setores da fazenda, da aquisição de materiais e formulação de licitações e contratos, de pessoal, criou um setor de imprensa e turismo. Procurou convidar pessoas que reunissem predicados de competência na área, disposição para acatar suas disposições. Aceitou indicações dos setores que o apoiaram dentro e fora do partido, mas mantinha um certo distanciamento e controle sobre as ações dos escolhidos, cioso de sua liderança e do seu espaço de mando e influência pessoal.

Nossa escolha para gerir o Departamento de Educação e Cultura resultou de uma soma de informações que chegaram até o prefeito eleito, da parte de amigos ligados a Laerte Vieira, de um vizinho que era parente e sócio do prefeito numa fábrica de papel para presentes, da simpatia da esposa de Dirceu Carneiro, Teresinha Fornari Carneiro, que fora aluna num curso preparatório para o vestibular na Uniplac. O anúncio dos nossos nomes para integrar a equipe administrativa municipal foi uma surpresa geral.

Tínhamos aquele trabalho como um grande desafio, nos sentíamos pequenos diante de tanta responsabilidade. Tínhamos consciência de que precisávamos ser bem sucedidos, ganhar a confiança dentro da equipe, aprender a agir politicamente, atuar de acordo com as melhores convicções que tínhamos e corresponder à confiança em resposta ao convite do novo prefeito.

Esse período de governo local se caracterizou em dar agilidade e presença à população, principalmente aquela moradora dos bairros da cidade e comunidades interioranas. Todos da equipe eram colocados nessa dinâmica, dar atenção a quem procurava a prefeitura, encaminhar com presteza os seus pedidos, conviver com a população nos eventos de qualquer caráter, religioso, esportivo, social. Foi criado um dia para audiências públicas, quando quem quisesse podia comparecer para encaminhar seus reclamos ou pedidos ao prefeito, que designava um dos seus auxiliares para encaminhamento, dependendo do assunto. Havia também reuniões administrativas nos bairros, quando a população podia expressar suas necessidades para a ação da prefeitura. Os líderes de bairros tornaram-se presidentes de diretórios do partido, o que os legitimava numa representação do seu bairro perante a prefeitura.

O mesmo ânimo foi adotado na gestão da educação, visitas periódicas nas escolas, os prédios foram recebendo melhorias e uma identificação pela cor laranja, assumida como a cor da nova gestão municipal, um zelo na distribuição de materiais, provisão de recursos para merenda escolar, agilidade em substituição de professores ausentes. Em busca de qualidade do ensino, foram criados alguns materiais que orientavam o trabalho dos professores. Os professores rurais, cuja grande parte eram os chamados leigos, que vinham tradicionalmente para a cidade mensalmente para receberem seus proventos, passaram a ter nessas reuniões um cuidado pedagógico.

A rede de ensino municipal se fez respeitar junto às instâncias superiores de gestão da educação, assumia com mais de cem escolas no município uma expressiva parte na oferta de ensino, garantindo o direito à educação pública.

1976 – OUTRA ELEIÇÃO MUNICIPAL HISTÓRICA

A campanha eleitoral no município em 1976 apresentava o vice-prefeito, Dirceu Carneiro, como o candidato mais habilitado para a sucessão de Juarez Furtado. Teve méritos para isso, durante os quatro anos exerceu uma ação administrativa junto ao Departamento de Obras, não era

o diretor, mas atuava como se o fora. Visitava sistematicamente as comunidades interioranas, os bairros, particularmente onde havia uma ação da prefeitura, buscando conhecer e expandir a confiança de líderes comunitários, pela ação e pela presença. Circulava também pelas comunidades, onde houvesse uma festa, um encontro, um baile, um casamento, um churrasco.

Internamente à equipe, tornou-se um ponto unitivo para ouvir, conversar, perceber o ânimo e os interesses da equipe administrativa, preocupava-se com o desempenho e com o aprimoramento dos projetos e das pessoas. Junto ao partido, continuou fundando novos diretórios, reformulou outros em suas direções, dinamizou as atividades partidárias, cuidando sempre de evitar desentendimentos. Teve tal desempenho que se fez o candidato certo para a nova eleição.

Mas não conseguiu a unanimidade dentro do MDB, tanto que outros candidatos foram indicados também na convenção partidária, Neno Cordeiro e Nenê Melo. A ARENA lançara outros três candidatos também, a disputa parecia se tornar acirrada. Três dias antes das eleições, a ARENA deu um golpe que parecia ser fatal para a vitória do MDB, comprou a renúncia de Nenê Melo.

Esse fato foi um marco de mobilização em torno da candidatura de Dirceu Carneiro, em pouco tempo, todos os diretórios de bairro e interioranos foram informados do golpe e que a saída para a vitória seria não votar no Nenê Melo. O resultado eleitoral foi surpreendente, Dirceu foi escolhido com um número de votos superior à soma de todos os demais candidatos. Esse resultado foi determinante para a formação do novo governo e das novas propostas para ação da prefeitura.

GESTÃO DA EDUCAÇÃO DE 1977 A 1979

O novo prefeito eleito, Dirceu Carneiro, levou em conta outros critérios e parâmetros para a formação da equipe de governo. Uma tese que se fez forte dentro do MDB, particularmente pelo pessoal do RS, era da “Prefeitura de Oposição”, que consistia em conseguir um perfil diferenciado para o governo de oposição nas prefeituras, onde o partido seria o governo. Encontros foram organizados em Porto Alegre, um para os candidatos a prefeitos e outro para os eleitos, nos quais se discutiu bastante novas propostas para uma prefeitura governada pelo partido da oposição.

Alguns membros da futura equipe Dirceu Carneiro participaram desses encontros. Era muito forte a tese da participação da população nos

encaminhamentos de projetos administrativos, como o diferencial democrático de uma prefeitura de oposição. Outro critério adotado na formação da nova equipe de governo era ter em cada posto alguém com vontade, preparado tecnicamente, de conduta ética, politicamente alinhado com as novas teses do partido, criativo nas propostas de trabalho em cada área.

Outro cuidado foi encontrar formas de trabalhar solidariamente, em equipe, o que se tentava buscar através de reuniões semanais, espaço para trocas, debates sobre o governo, superação de desvios de rota, busca de desafios em cada área administrativa para descortinar projetos integrados. Dirceu Carneiro foi o ponto aglutinador da equipe, capaz de ouvir e acatar sugestões tidas como interessantes e oportunas, capaz também de animar os integrantes de sua equipe com sugestões que construía e outras que a ele iam chegando.

Escolhida e anunciada a equipe de governo, os trabalhos foram sendo articulados, projetos inovadores e pioneiros foram surgindo. Uma expressão serviu de logomarca da nova gestão, LAGES, A FORÇA DO POVO. Nela se imprimiam os propósitos de um governo democrático e popular, distinguia o novo na prefeitura. O novo aparecia nos projetos, alguns muito pioneiros, todos com a carga da participação das pessoas integradas em cada um deles. As atividades ordinárias de uma prefeitura eram mantidas e dinamizadas, procurava-se agilidade no atendimento, atenção e delicadeza no atendimento. O plus vinha com projetos diferenciados, sob a inspiração da tese “prefeitura de oposição”.

Na saúde, sob o comando do vice-prefeito, Celso Anderson de Souza, médico renomado na cidade, os postos de saúde foram descentralizados, ofereciam os primeiros atendimentos, criou-se a função do agente comunitário de saúde, quase sempre uma pessoa da comunidade, treinada para dar a primeira atenção aos problemas, cuidar da prevenção de doenças, orientar a vacinação.

Nas comunidades interioranas, foram criados os NÚCLEOS AGRÍCOLAS, unidades de gestão local de projetos agrícolas em torno de um trator adquirido pela prefeitura e gerido por uma diretoria local, otimizando a produção e fortalecendo a organização de grupos locais.

Nos Serviços Urbanos e Obras Públicas, cuidava-se de manter as ruas em condições de trafegabilidade com uso de materiais alternativos, a reurbanização de praças com uso de equipamentos expressivos da cultura local. Havia um programa descentralizado de melhorias urbanas nos

bairros, conhecido como VIVA O SEU BAIRRO, ocasião em que a população voltava a orientar o trabalho das equipes de máquinas, de limpeza, agora organizada em associações de moradores, que eram grupos de moradores reunidos e organizados para reivindicar os interesses do bairro.

Um desafio foi proposto pelo prefeito a todos os setores, como responder às necessidades de moradia, evidentes em quase todos os bairros da cidade. Por dois anos um projeto foi debatido e se instituiu finalmente, sendo que a maior dificuldade era de ordem legal, pois tinha que superar os limites do poder público alienar recursos e bens para particulares. O projeto começou meio à revelia. Uma gleba próxima do centro, até então ocupada pelos militares para manobras estratégicas, retornou à prefeitura. Foi elaborado um projeto de ocupação urbana, em que se aproveitasse o máximo em número de lotes, em continuidade e articulação com a malha de ruas já existentes, com provisão de áreas institucionais para equipamentos urbanos. Foi também idealizado um módulo de habitação de 30 m² que pudesse depois ser ampliado pelas famílias moradoras. O setor social organizou uma pesquisa de informações sobre famílias sem moradia, tendo como critérios de escolha a renda, real necessidade, tempo de moradia. A prefeitura fez o arruamento, articulou com as concessionárias a extensão dos serviços de água e energia elétrica. As casas seriam feitas pelos próprios moradores, com orientação de uma equipe técnica mantida pela prefeitura. Foram escolhidas as primeiras famílias. O início do projeto, agora conhecido como Habitação Popular, previa a construção solidária por integrantes de dez famílias que construiriam uma a uma todas as dez casas, sendo também uma a uma sorteadas entre os futuros moradores. Essa proposta foi abandonada com o tempo, em função da dificuldade em superar o interesse particular, a identificação da casa própria e uma certa pressa em ampliar o programa. Os materiais seriam garantidos pela prefeitura, adquirindo com recursos públicos ou levando restos de demolições, para um banco de materiais na área do projeto, onde eram reciclados e utilizados nas obras. Com o fito de mobilizar a comunidade para o drama e o direito à moradia, foi organizado o Dia da Habitação, quando todos os servidores municipais se organizavam em equipe, cada uma percorria um setor da cidade ao lado de um caminhão, recolhendo restos de materiais de construção ainda aproveitáveis, que eram recolhidos e depositados no banco de materiais no Bairro da Habitação ou Mutirão. A concepção da Escola, em conjuntos de cinco pentágonos, formando um hexágono, que se juntava a outro, teve também uma intenção, organizar um sala de aula um espaço democrático, com móveis coletivos, de fácil manejo para possibilitar variação de atividades. A escola ocupou o local mais nobre

do bairro. Em dois anos foram construídas quinhentas casas, oferecendo moradia para três mil pessoas aproximadamente.

Nesse contexto, a Educação também foi provocada a encontrar um modelo de ensino, capaz de reproduzir na aprendizagem das crianças os grandes motivos que animavam os trabalhos da prefeitura. A oferta de oportunidades de escolarização se ampliou, além das unidades de primeiro grau de 1ª a 4ª séries, algumas escolas de 5ª série em diante foram instituídas em duas localidades do interior. Foi sendo organizada uma rede de pré-escolarização, algumas em escolas municipais, outras em unidades articuladas com as associações de moradores. Ampliou-se também a equipe de trabalho do Departamento com supervisoras, escolhidas pela suas habilidades técnicas em educação e criatividade na idealização de projetos, crença nos propósitos de participação popular da gestão municipal. Os supervisores planejavam semanalmente suas ações, percorriam as unidades escolares percebendo o trabalho dos professores, animando os projetos em andamento, criando outras oportunidades que visassem a melhoria do desempenho dos alunos na aprendizagem formal e crescimento dos predicados da cidadania, particularmente da participação popular. Alguns eventos se tornaram parte das agendas da gestão da educação municipal. O Dia da Criança era festejado com um grande encontro em praças, onde as crianças das escolas se apresentavam com performances preparadas para dizer das lendas, causos e outros elementos da cultura serrana. O Natal era uma oportunidade para uma longa visitação de bairros e localidades interioranas, onde se apresentavam algumas atrações com a banda infanto-juvenil, palhaços que animavam o tempo todo o pessoal presente, eram distribuídos pacotes de doces e presentinhos às crianças. Ainda no interior, as Mostras do Campo eram festas organizadas nas sedes distritais, quando várias atrações eram programadas com o objetivo de valorizar a cultura do campo, havia um cortejo de carroças e cavaleiros, uma missa campeira, um almoço típico preparado em várias barracas, sorteios e a culminância era uma apresentação de dançarinos em danças típicas do sul, com premiação dos melhores. Em agosto, outro evento era o Festival do Folclore, que reunia grupos de estudantes que apresentavam danças performáticas, compondo um tema sugestivo da história do povo. Mas, a riqueza maior da gestão da educação municipal nesse período foi a descoberta pedagógica dos eixos de ensino que deram vida e articulação ao trabalho das escolas, tema que será tratado a seguir pela Sônia.

GESTÃO DA EDUCAÇÃO DE 1980 A 1982

O calendário eleitoral foi alterado em 1980, disposições do Congresso Nacional criaram um mandato tampão de dois anos para as

gestões municipais em andamento. O mandato do prefeito Dirceu Carneiro teria com isso mais dois anos de duração. Uma proposta de reforma administrativa, já discutida anteriormente, ganhou força. Os Departamentos foram transformados em Secretarias Municipais, foram criadas novas secretarias, um Gabinete de Planejamento. O Departamento de Educação e Cultura deu origem a duas secretarias, a de Educação e a de Cultura. Buscava-se modernizar a gestão pública e acomodar os projetos que tinham nascido com a gestão, bem como aproveitar quadros novos de pessoal.

A nova Secretaria de Educação ficou com a gestão do ensino, a de cultura ficou com toda a movimentação de programas culturais e esportivos. Desde 1979, com a chegada em LAGES de dois argentinos, técnicos em artes cênicas com bonecos, constituiu-se o Grupo de Teatro Galha Azul. Recuperou as lendas serranas, recriando-as em linguagem cênica, produziu um lindo espetáculo sobre a ave símbolo do sul, que deu nome ao grupo daí em diante. A programação cultural integrou-se nas agendas da prefeitura, entidades e logradouros da cidade e da zona rural podiam apreciar espetáculos de teatro nos eventos comunitários.

A movimentação cultural chamou a atenção de técnicos do Ministério de Educação e Cultura, quando vieram a Lages, que os levou a propor um projeto financiado pela Secretaria da Cultura do Ministério, pelo qual se estabeleceria uma relação entre o ensino básico e as formas de cultura local. O projeto foi preparado e aprovado, pelo qual a gestão municipal passou a contar com um recurso específico para a educação. Nesse projeto foram incluídos recursos para ação cultural e a constituição de oficinas de trabalho, nas quais as crianças teriam oportunidades de aprender ofícios com instrutores locais, moradores nos bairros das escolas. Essa iniciativa gerou um estímulo muito forte aos diretores e professores das escolas, que buscavam instrutores disponíveis nos bairros, com habilidade e tempo para instruírem as crianças. Esse trabalho era remunerado pelo projeto do MEC. Em dois anos, perto de cem oficinas foram montadas nas escolas. Algumas escolas contavam com até cinco oficinas diferentes.

Nas comunidades interioranas, as professoras das escolas eram estimuladas a recuperarem habilidades de produção com materiais do campo, existentes e adormecidas pelo desuso, mas de riqueza cultural. Essas habilidades e produtos eram mostrados em um dia do ano, quando a comunidade se reunia por organização da escola.

ELEIÇÃO MUNICIPAL DE 1982 – OCASO DE UMA EXPERIÊNCIA BEM SUCEDIDA

Por volta de 1979, por iniciativa dos sociólogos, foi organizado um encontro de debates sobre as questões sociais no Brasil. Para esse encontro foi convidado o palestrante Maurício Tragtenberg, que fazia parte do conselho editorial da Livraria Brasiliense. Ele foi convidado a conhecer os projetos em andamento, organizados pela Equipe Dirceu Carneiro. Ficou maravilhado. Levou para a Editora a sugestão para que se escrevesse alguma publicação, narrando o que tinha visto. Tempos depois, veio a Lages Márcio Moreira Alves, recentemente retornando do exílio pela lei de Anistia, com o propósito de colher informações e escrever sobre as experiências administrativas em andamento. E surgiu o livro “A FORÇA DO POVO – DEMOCRACIA PARTICIPATIVA EM LAGES”.

E o trabalho da prefeitura tornou-se amplamente conhecido, por conta do que houve intensa visitação de pessoas de fora que chegavam para conhecer o que estava acontecendo. Essa efervescência toda de procurar saber em busca de parâmetros de gestão pública, se por um lado alimentou alguma vaidade e fortaleceu publicamente o trabalho e as pessoas envolvidas, por outro lado trouxe preocupações por sua continuidade e uma certa inveja de políticos do partido MDB que se achavam preteridos pelo fortalecimento do prefeito Dirceu Carneiro como personalidade política.

Com a aproximação das eleições municipais de 1982, toda essa trama se tornou aparente, a disputa interna entre facções do MDB culminou com uma convenção partidária que indicou para candidato o ex-prefeito Juarez Furtado, não identificado com os projetos em andamento, inclinado a não dar continuidade a eles. O MDB entrou nas eleições dividido. Dirceu Carneiro deixou o mandato para candidatar-se a deputado federal, preferindo afastar-se dos embates locais. O candidato adversário, da ARENA, Paulo Duarte, político novo, adotou uma postura pública de aproveitar tudo o que de bom estava em andamento, defendendo mais os projetos que o candidato do MDB.

A ARENA venceu em LAGES as eleições de 1982, enquanto o MDB venceu em um expressivo número de municípios em todo o país, com a bandeira da gestão participativa e democrática em Lages, como modelo para os prefeitos eleitos. Em Lages, dava-se o ocaso de uma experiência bem sucedida.

ALGUNS RESULTADOS PARA AS INSTITUIÇÕES

Seguidamente os integrantes da Equipe Dirceu Carneiro, muitos dos quais tiveram que migrar de Lages para outros lugares, eram questionados sobre as razões que tinham sido determinantes para que o partido MDB

tivesse perdido as eleições municipais em 1982, depois de um trabalho com a população que se tornara um exemplo a ser seguido. E esse questionamento tinha sentido, pois para quem analisa de fora, de longe, nem sempre tem as condições ideais de análise, fogem-lhes a conjuntura e os condicionantes locais, de perto. Mas essas perguntas são intrigantes até mesmo hoje, passados mais de trinta anos da ocorrência desse trabalho. Vale a pena tentar perscrutá-las, em busca de respostas.

É possível ter algumas certezas. Uma equipe de governo que se quer ética, que se propõe a ações em parceria com a população, que não teme colocar a público as suas intenções, que busca respostas às reais necessidades do povo, que acredita ser possível definir prioridades para a gestão que privilegiam as maiorias despossuídas de oportunidades, essa equipe certamente faz história, será lembrada como referência.

O espaço do partido político tem vida própria, é instituído para legitimar e homologar candidaturas, caminha sobre disputas entre líderes e grupos que o aparelham e nem sequer seguem nas suas práticas o ideário que lhe deu origem. Desta sorte, os programas levados a efeito pela Equipe Dirceu Carneiro, mesmo tendo nascido do ideário partidário, não tinham eco e às vezes nem mesmo aprovação no interior do partido, que os viam mais num viés de fortalecimento da figura do prefeito, mais pessoal que institucional. Muitos quadros partidários tinham até um certo receio de perderem suas posições de influência nas comunidades, particularmente os políticos populistas que buscam a troca de favores por votos a si quando candidatos.

O sufrágio eleitoral, a decisão dos eleitores, não obedece a uma lógica linear entre a ação do governo que termina e a escolha do sucessor comprometido com a continuidade dos programas. Tem lógica própria. O bem imediato fala mais alto que um bem que exige tempo de maturação para acontecer. Por isso o populismo se fortalece com a troca de favores particularistas pelo voto.

A perda eleitoral em Lages em 1982 não tirou historicamente a qualidade e a pertinência dos programas que tinham acontecido durante a gestão do prefeito Dirceu Carneiro. Foi reconhecida. O próprio Dirceu foi eleito com votos de todo o Estado, senão o mais foi um dos mais votados naquela eleição parlamentar. Mais tarde, foi eleito senador com o voto majoritário em Santa Catarina. Seguidamente era convidado para falar da experiência administrativa em Lages quando prefeito.

O registro da experiência no livro de Márcio Moreira Alves permitiu um lastro de conhecimento, de pesquisas, de referências a estudantes, a políticos, a gestores em muitos níveis e escalões governamentais.

Os trabalhos de pesquisa e teses de mestrado sobre a experiência havida em Lages mostraram o quanto se fez interessante, como se instituiu, o quanto acertou, o quanto deixou de acertar, os principais programas, seus ideários, sua relação com a população, a sua aceitação e repulsa.

Vários integrantes da Equipe Dirceu Carneiro foram convidados a integrar outros governos municipais e estaduais, no Paraná, em São Paulo, na Bahia, em Mato Grosso, por acreditarem no saber fazer trabalhos que conheceram em Lages.

ALGUNS RESULTADOS PARA AS PESSOAS

Concluo esta palestra com estas próximas considerações. Este encontro, em que estamos recordando um trabalho trinta anos depois, não se daria se não nos reconheçêssemos nele. Fomos companheiros e nos fizemos companheiros trabalhando juntos em muitos, em alguns, ou em apenas um desses programas naquele período. Ao nos vermos, agora mais velhos, com mais tempo de saudades, podemos dizer com serenidade o que o trabalho produziu em nós, como esse trabalho nos construiu.

A nossa experiência nos deu a possibilidade de conviver com o poder. Trabalhamos na gestão pública, espaço onde se dão relações humanas ambientadas numa relação de poder. O poder como experiência humana é fascinante, porque atua numa energia preponderante na formação do homem, o reconhecimento. Detendo o poder, o homem se faz público, reconhecido e poderoso. Alimenta uma força incontida na interioridade humana, pois que pode oferecer e tirar o outro a seu talante. E daí, a vaidade, como vício capital e o risco dos detentores de poder de se distanciarem dos outros e se fecharem em si. O poder se materializa nas relações entre as pessoas. As instituições nascem dessa relação também. Nós experimentamos essa vivência, que nos fez uma equipe e nos fez homens em diáspora, em dispersão. O que nos deu força, também nos traiu.

Afirmamos que nos convertemos para uma causa, profundamente política, ajudamos a construir o público, como espaço de todos, onde todos se percebem cidadãos, com uma imensa responsabilidade de aproveitar o tempo para ampliar os bens disponíveis que ficarão para os pósteros, tendo deveres, mas com a consciência de termos também ajudado as pessoas a se perceberem cidadãos com direitos, pelo entendimento de que ao integrar

uma sociedade a pessoa humana se percebe incluído, com dependências, mas com conquistas. Como pessoas também experimentamos o amargor do distanciamento, de ficar na saudade, de ver a fraternidade guardada por dentro, de ter sido feliz por um tempo, de guardar essa felicidade em nosso íntimo, mesmo que separados no tempo e no espaço.

Ter podido trabalhar numa equipe de pessoas, vigorosamente éticas no trato da coisa pública, tendo em mente sempre atingir o melhor para realizar a cidadania, ser destacadamente criativo para buscar a melhor maneira de fazer, nunca perdendo o rumo da democracia que oferece a todos a oportunidade de participação, é uma reserva pessoal, duradoura, que vale a vida.

Por isso, nos estimamos. Por isso nos lembramos com saudade dos bons tempos em que trabalhamos juntos. Por isso, nos provocamos para estar aqui, trinta anos depois, para conferir o que fizemos, para trocarmos pessoalmente, para manifestar nossa amizade e fraternidade, construídas com trabalho e vida.

Termino, com as expressões do canto que imortalizou a Comuna de Paris, conhecido como o “Tempo das Cerejas”:

*Quando cantarmos o tempo das cerejas,
Os pássaros cantarão felizes,
As mulheres mostrarão a alegria nos rostos.
Mas é bem curto o tempo das cerejas,
Duas colheitas, se tanto, o tempo de um sussurro ao ouvido.
Cerejas de amor, gotas de vinho como gotas de sangue
Que tombam como as folhas amarelecidas.
Amarei sempre o tempo das cerejas,
É desse tempo que guardo no peito uma chaga aberta,
Amarei esse tempo e a lembrança que guardo no coração.*

(Palestra proferida no Encontro com Professores, promoção do SINPROEL, em Lages, dia 26 de maio de 2010)

Manuel Nunes da Silva Neto
manuso@onda.com.br